



OS ALUNOS DA EJA E PROEJA E O EMPREGO DO VERBO ESTAR

Carla Barcelos Nogueira Soares¹

Sergio Arruda de Moura²

Resumo: Neste artigo, verificamos a frequência da ocorrência das variedades estigmatizadas do verbo “estar”, “tô”, “tá”, “tava” e “tavam”, na fala dos alunos do EJA e PROEJA com o objetivo de analisar os dados, sistematizá-los e, a partir da amostra, responder às seguintes hipóteses: 1. em que frequência absoluta as variantes estigmatizadas do verbo *estar* são usadas entre os alunos do EJA e PROEJA?; 2. Os fatores condicionadores sexo e idade influenciam no uso das variantes estigmatizadas? 3. Como o uso das variantes estigmatizadas do verbo “*estar*” deve ser abordado em sala de aula? A metodologia pode ser considerada como bibliográfica, com abordagem qualitativa, métodos descritivos e de campo aplicada às falas dos informantes que foram registradas no “Corpus” elaborado pela UENF. Observou-se que a ocorrência das variantes estigmatizadas é maior do que a variante de prestígio e, a partir da análise de dados realizada no decorrer desse estudo, abordaram-se estratégias para ensinar o verbo “*estar*” de forma dinâmica e sem preconceito das variantes não-padrão. A pesquisa tem como base teórica o “Corpus” da UENF *A Língua Falada e Escrita da Região Norte-Noroeste Fluminense* onde foram selecionadas 12 pessoas seguindo as normas e padrões éticos.

Palavras-chave: sociolinguística, variedade estigmatizada e de prestígio, vernáculo brasileiro.

INTRODUÇÃO

Todo ser humano, ao nascer, está apto a aprender uma língua. A criança aos três anos de idade já domina a língua materna e sua linguagem vai sendo moldada de acordo com o meio em que está inserida. Assim, a linguagem é social e a forma de pronunciar as palavras depende do meio em que o falante está inserido. É através da linguagem que o indivíduo se identifica com a região, com o local e também com o grupo de pessoas com quem interage. Como ele pode escolher o modo de se posicionar linguisticamente, a linguagem também se torna individual. Para Saussure, a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro (CARVALHO, 2000, p. 49).

¹ Professora do Ensino Fundamental, Médio e Técnico. Atua na Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

² Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ. Professor Associado I do Centro de Ciências do Homem (UENF), com experiência na área de Linguística e ênfase na Análise de Discurso.

A teoria Saussuriana apresenta a dicotomia língua/fala para representar a linguagem. Desta forma, o campo social é feito da língua (*langue*) que é preservada pelos gramáticos não havendo variação diatópica, diafásica, morfológica nem diastrática, pois o importante são as normas; quanto a fala ou discurso (*parole*), situa-se na esfera individual e se preocupa em verificar sua prática avaliando o contexto regional, social, econômico, a faixa etária e o sexo do falante.

A ciência que estuda a relação entre língua e sociedade é a Sociolinguística que se subdivide em Sociologia da Linguagem, Sociolinguística Interacional e Sociolinguística Variacionista. A primeira estuda os sistemas linguísticos como instrumentais em relação às instituições sociais, a segunda se preocupa com a análise de conversação e a terceira examina a linguagem no contexto social relacionando língua e sociedade como algo indissociável.

Neste artigo, pretende-se explorar a Sociolinguística Variacionista e a fala (*parole*) dos informantes. Para isto, analisar-se-á as variantes do verbo “estar” no presente e pretérito imperfeito do modo indicativo na região Norte-Noroeste Fluminense. Os dados foram retirados do “Corpus” da UENF *A Língua Falada e Escrita da Região Norte-Noroeste Fluminense* seus resultados distribuídos em tabelas e gráficos para quantificar as variantes estigmatizadas e de prestígio. Os informantes foram categorizados por sexo e faixa etária para verificar a ocorrência em cada categoria a fim de (re)pensar o ensino deste verbo em sala de aula. O critério utilizado para análise foi a categorização dos informantes dividida em dois grupos, conforme tabela abaixo:

SEXO	FAIXA ETÁRIA
MASCULINO	28 a 43 anos
FEMININO	18 a 58 anos

Tabela 1 - Divisão da amostra em sexo e faixa etária.

Fonte: Elaborado de acordo com o “Corpus” da UENF *A Língua Falada e Escrita Da Região Norte-Noroeste Fluminense*.

OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo responder aos seguintes questionamentos:

- a) em que frequência absoluta as variantes estigmatizadas do verbo estar são usadas entre os alunos do EJA e PROEJA?;
- b) os fatores condicionadores sexo e idade influenciam no uso das variantes estigmatizadas? 3. Como o uso das variantes estigmatizadas do verbo “estar” deve ser abordado em sala de aula?

METODOLOGIA

A metodologia pode ser considerada como bibliográfica, com abordagem qualitativa e quantitativa, métodos descritivos e de campo aplicada às falas dos informantes que foram registradas no “Corpus” elaborado pela UENF. Inicialmente, apresentamos o resultado da recorrência do uso das variantes estigmatizadas utilizando gráficos e tabelas para visualização da quantidade de ocorrências e situações de fala. Como base teórica o estudo está respaldado na dicotomia Saussuriana língua/fala.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados sobre o tema pesquisado são embasados em 12 amostras do “Corpus” da UENF A Língua Falada e Escrita Da Região Norte-Noroeste Fluminense elaborado em 2014. Foram selecionados informantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e informantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e estão representados no gráfico abaixo.

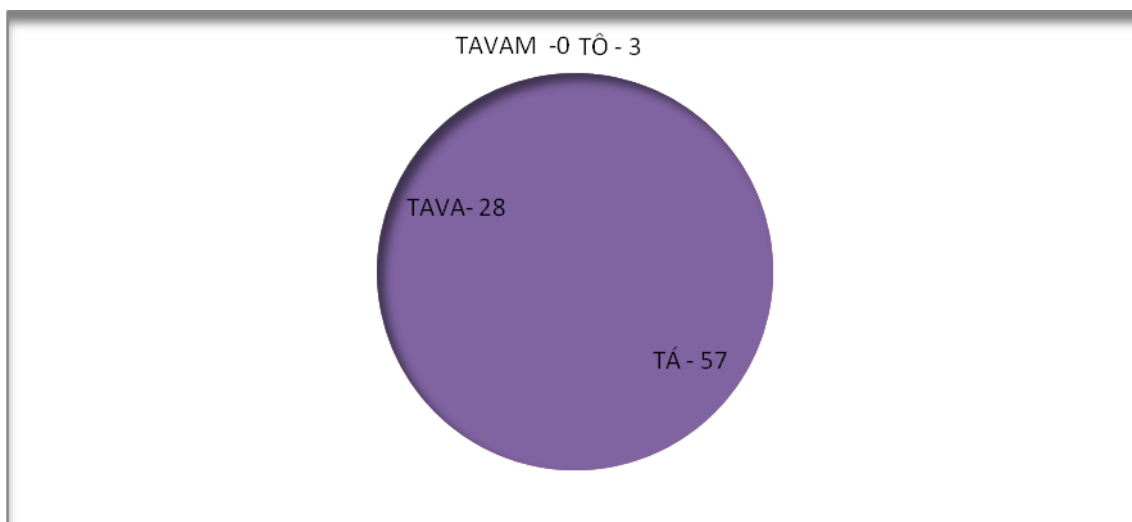


Gráfico 1 - Distribuição das variantes.

Fonte: Elaborado de acordo com o “Corpus” da UENF A Língua Falada e Escrita Da Região Norte-Noroeste Fluminense

Observou-se que as variações do verbo estar, exceto a variante estigmatizada “tavam”, são empregadas na fala dos informantes quando usam as seguintes estruturas: início, meio e fim de uma oração; segundo Sacconi (2001, p.328), *oração é todo enunciado que contém verbo ou expressão verbal*. Há também empregos das variantes estigmatizadas em locução verbal que Celso Cunha (2001, p.394) define como *os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal*. E observou, ainda, o uso das variantes acompanhando a interjeição “ah” ao remeter uma lembrança do falante. Bechara (2002, p.330) explica que *interjeição é a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações*.

Pode-se observar, então, que a frequência das formas estigmatizadas categorizou-se de acordo com a situação de uso de cada uma e que isso se deve por diversas razões não só pela forma individual de se expressar do falante, mas também pela regras de organização das palavras mesmo que aparentemente inconsciente. A tabela abaixo apresenta a quantidade de ocorrências.

	FREQUÊNCIA INÍCIO DA ORAÇÃO	FREQUÊNCIA LOCUÇÃO VERBAL	FREQUÊNCIA MEIO DA ORAÇÃO	FREQUÊNCIA FINAL DA ORAÇÃO	FREQUÊNCIA INTERJEIÇÃO AH
TÔ	0	2	1	0	0

TÁ	4	19	26	1	7
TAVA	0	7	21	0	0
TAVAM	0	0	0	0	0

Tabela 2 - Resultado da frequência de uso das variantes estigmatizadas.

Fonte: Elaborado de acordo com o “Corpus” da UENF A Língua Falada e Escrita Da Região Norte-Noroeste Fluminense

Examinando a tabela acima, pode-se estabelecer 03 (três) variáveis sociolinguísticas usadas em sala de aula pelos alunos do EJA e PROEJA, e que das 88 (oitenta e oito) ocorrências, a variedade estigmatizada mais usada é “tá” obtendo uma frequência de 57 vezes. Verifica-se que há uma regularidade no uso destas variantes, já que elas foram empregadas com mais frequência em locução verbal e no meio de uma oração.

Apoiando-se no levantamento dos dados apresentados, pode-se afirmar que o verbo “estar” encontra-se em estado de variação na sala de aula dos cursos do EJA e PROEJA e, que evidenciam uma regularidade de uso, uma vez que a recorrência das variantes estigmatizadas dependem das circunstâncias gramaticais em que elas aparecem. Sendo assim, pode-se afirmar que o emprego destas variantes depende da estrutura gramatical empregada pelo o falante.

Durante a pesquisa, constatou-se que os fatores condicionadores sexo e idade influenciam no uso das variantes estigmatizadas, pois pessoas do sexo feminino empregam mais as formas estigmatizadas do verbo “estar” do que pessoas do sexo masculino. Veja a tabela abaixo.

Tabela 3 - Resultado da frequência de uso das variantes estigmatizadas por sexo

	TÁ	TÔ	TAVA	TAVAM
MASCULINO	26	0	9	0
FEMININO	31	03	19	0

Fonte: Elaborado de acordo com o “Corpus” da UENF A Língua Falada e Escrita Da Região Norte-Noroeste Fluminense

Diante dos resultados apresentados através desta pesquisa, nota-se a importância do discente conhecer e entender o emprego do verbo estar nas diversas colocações gramaticais contextualizando com o ambiente dos falantes, então, é imprescindível que as aulas sejam dinâmicas e aplicada à comunidade de fala. A variante de prestígio deve ser apresentada para que os discentes a conheçam, afinal não podemos nos esquecer de que é ela que é verificada nos processos seletivos da empresa, em concursos, em uma carta de pedido de emprego. Todavia não devemos menosprezar a variante estigmatizada a qual o aluno tem contato diariamente por ser a ouvida e empregada por ele na fala.

Para que haja aprendizado contextualizado com a comunidade de fala em que os alunos do curso EJA e PROEJA estão inseridos, é primordial aulas dinâmicas de atrativas trabalhando as variantes estigmatizadas do verbo e não, meramente, levando o educando a memorizar todos os seus tempos e modos. Paulo Freire intitula este tipo de procedimento de educação bancária. Ele propõe que o aluno construa o conhecimento interagindo com o meio social “nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado”. (FREIRE, 1996, p.14)

Apenas ensinar a variante de prestígio do verbo sem mencionar a variedade empregada na comunidade de fala, significa segundo Marcos Bagno (2007, p.142) “sonegar informação, esconder a realidade e, por conseguinte, praticar um ensino que é preconceituoso”, já que a partir do momento em que não se constrói situações sociais de uso entre uma forma e outra leva o discente a acreditar que o emprego de “tô”, “tá”, “tava” e

“tavam” é “incorreto” e precisa ser corrigido.

PLANEJAMENTO: A DIALETICIDADE ENTRE PRÁTICA E TEORIA

O planejamento é uma ação reflexiva, viva e contínua é a ferramenta que o professor possui para projetar, organizar e sistematizar sua prática docente. É no momento do planejamento que o professor deve articular a prática com a teoria a fim que a aula tenha sentido para o aluno. Logo é importante transpor os muros da escola, ou seja, pensar a teoria que será abordada na sala de aula e buscar informações sobre o contexto social, econômico da localidade escolar.

Ao planejar as aulas, deve-se levar em consideração a realidade concreta do aluno, observando a comunidade e a maneira que o verbo *estar* é pronunciado, desta forma, haverá um conhecimento do universo linguístico do discente sendo possível analisar o emprego do verbo nos falares da região e, ao ensiná-lo, fazer uma analogia entre prática (*parole*) e teoria (*langue*) para que haja um vínculo entre o que se aprende na escola com a realidade local.

Como aplicar a prática e a teoria para explicar o verbo *estar*?

Proponho que, depois da pesquisa local e a verificação do emprego das variantes estigmatizadas no falar da região, o professor leve os alunos a uma atividade de pesquisa na comunidade de falantes da região para que possam observar as ocorrências e registrá-las.

Eles também analisariam o emprego do verbo nos telejornais de nível e local e nacional fazendo um paralelo entre o falar da região e o falar do telejornal e refletindo sobre a variante estigmatizada e a de prestígio assim tirariam suas conclusões sobre as diversidades linguísticas deste verbo. Depois desta etapa, o professor faria um debate sobre os dados da pesquisa, neste momento, ele seria o mediador e provocaria uma discussão reflexiva junto ao aluno sobre o emprego do verbo.

Ao aplicar esta estratégia metodológica, o professor estaria criando possibilidades para a produção e construção do saber dialogando a prática com a teoria, o aluno compreenderia o emprego do verbo “*estar*” e suas variações no contexto social em que está inserido e saberia distinguir o uso das variantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, pôde-se observar que as variantes estigmatizadas fazem parte do modo de falar de muitas pessoas e que os alunos do curso EJA e PROEJA também podem estar inseridos no contexto linguístico em que as formas “tô”, “tá”, e “tava” são empregadas cotidianamente. Então, é de suma importância que, no momento do planejamento, o professor considere o modo de se expressar dos alunos e traga para sala de aula propostas de acordo com a comunidade lingüística da região, assim, o conteúdo estará ligado à linguagem cotidiana da comunidade escolar e haverá um diálogo entre prática e teoria. Esta estratégia pedagógica levará o discente a entender o emprego do verbo *estar* na forma de prestígio e estigmatizada.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália** - Novela Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**: fundamentos e visão crítica. 9. ed. rev. e ampl. Com exercícios e um estudo sobre as escolas estruturalistas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARIAS, Isabel Maria Sabino...[ET.al.]. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Publicação 1996, Digitalização 2002.

_____. **Professora sim, tia não** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: Domínios e Fronteiras**, v.1. São Paulo: Cortez, 2001.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática teoria e prática.** 26. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.